

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **PRÁTICAS CORPORAIS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA AMERICANA NO SER –Tão : ritos e rituais**

**Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha**

O Foco deste estudo tem como centralidade o panorama da construção de uma escola/confessional e traz as experiências de professores “leigos” no processo de escolarização e instrução social numa Escola Americana – IPN . E aponta um viés de modelação ideológica, política e comportamental na vida de cada sertanejo que, por ali passou com interferência nas ações cotidianas para que os mesmos se tornassem “cidadãos” desde a instauração de rituais protestantes.

Conquanto, os elementos festivos e rituais proporcionaram uma espetacularização política e social no exercício da profissão dos “leigos” a partir do enfoque na dimensão das experiências culturais vivenciadas e construídas nos cuidados com o “corpo e alma.” com olhares para as celebrações com viés disciplinador e moralizante alinhados nas práticas corporais civilizatórias.

Busquei, aqui, compreender no contexto dessa consolidação das iniciativas dos americanos protestantes/maçons como se deu tal aversão dos expoentes católicos/conservadores em aceitar a permanência da instituição americana, na região, para a incorporação de nova ordem de uma sociedade afinada pelos ideais liberais .

Outrossim, o Projeto dos Americanos foi capaz de contemplar ações que estreitaram as relações com o povo sertanejo e promoveram situações civilizatórias nas instituições para forjar esse sujeito que se encontrava á margem da sociedade rural dada .

Aí em meio á crise gerada por toda a “negociação”, pois havia um suposto cuidado com o corpo/ alma dos sujeitos matriculados os quais foram assistidos na saúde, espiritualmente e intelectual pela doutrinação, instrução/ civilização para que através da escolarização fossem (trans)formados com as práticas corporais constituídas nas aulas de ginástica, esporte e trabalhos

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

manuais, essa condição nos leva a crer que tudo isso era no intuito de “preparar” o novo cidadão.

Por sua vez, a presença feminina no gerenciamento das escolas dominicais, paroquiais e isoladas deu e garantiu a visibilidade a essa instituição que passou a ser considerada por muitos como “palco” de produção de conhecimentos e “um lugar “ efervescências culturais, sociais e políticas alinhadas á ações de base religiosas .

Para esse fim foram constatadas contudo sem resistências aos “homens do diabo”, algumas práticas corporais e civilizatórias inovadoras que determinavam “cuidados” os quais eram proporcionados através de “garantias” de saúde, salvação e fé no chamamento para nova vida.

Embora os modos de articulação e sociabilidades ofertados no IPN favoreceram o ambiente do trabalho difundido pelos missionários que utilizaram vários meios civilizatórios como : o uso de máquinas , carros, avião e tratores além da luz a gás que eram recursos utilitários como o banho de chuveiro – uma novidade na região passaram a ser assegurados como melhorias de vida na modelação de comportamentos na adequação de princípios americanos a um novo público a ser convertido.

Entretanto, nossa hipótese aponta nesse período que, cada acontecimento e cada ação já expressava uma gama de atos ritualizados com vistas a dar dignidade ás minorias cujos estilos de vida começaram a ser preestabelecidos pela missão americana, na modalização do discurso do homem do campo, apostando numa formação integral dos sertanejos que viviam de forma irregular no seu cotidiano sem documentos e ou legalização de união e nos cuidados com a alimentação “pesada” com muitas misturas e com ausências de ações de higiene.

Logo, com a figuração de sujeitos/ rurais que transitaram nos espaços criados pelos americanos e daí ocorreu o alargamento dos investimentos com a chegada de engenheiros agrônomos da missão ancorados nos homens na labuta como exemplo o vaqueiro “o cuidador do gado”, o boiadeiro com o manejar e cuidados com o gado que mantinha a sua

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

sobrevivência e, no agricultor que vivia de meia no plantio buscando sobreviver junto aos familiares, mas que foram todos convocados pelos missionários para o trabalho, como uma espécie de “troca” e negociação para o controle de corpos e de uso do tempo em valores pela demanda dos que se converteram pela fé e incorporados à escola – fazenda numa suposta proposta inclusiva .

Portanto, foram incentivadores de forma silenciosa e gradativa para que os alunos se tornassem admiradores dos cânticos devocionais e, seduzidos por mudanças, aderissem ao credo onde o ambiente estimulava a transição de classe social, além de se preparar pastores – evangelizadores, médicos, engenheiro e homens de boa fé e reputação moral , a notícia e fama do IPN foi disseminada pela microrregião.

Por conseguinte, as práticas corporais incidiram sobre a moral dos indivíduos especialmente no controle dos desejos, comportamentos e vontades conformando aos propósitos da instituição, então a apropriação de terras pelos missionários fez com que as pessoas migrassem para os arredores da Escola/Fazenda em busca de assistência à saúde, educacional e espiritual como luz/solução para a suas vidas.

Face às adaptações pelo viés da modernização com edificações das casas e dos equipamentos frutos da civilização trazidos dos Estados Unidos da América na “forma protestante” de ser e de se viver fizeram valer a proposta da missão a “assunção” das prioridades de atuação em conformidade com a Missão Cristã do Brasil com interferência na formação do sertanejo, uma vez que a civilização exigiu sacrifícios por parte das minorias em prol de um lugar social e, a ser considerado “cidadão”.

Por fim, acredito que, o movimento e a circularidades de saberes foram responsáveis pelas festas no formato de rituais com celebrações ideológicas como esculoras da consciência fincadas num circularidade de práticas baseadas no cotidiano da doutrinação.

Afinal, o corpo apareceu vinculado a um “lugar” da moral, da religião e do aprendizado, colocando os em evidência no trato e papel formativo atribuídos aos ritos como conteúdo escolar e propósitos modeladores ou de

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transgressão. Por outro lado, a escola americana gozava de prestígio e apresentava um diferencial no ensino como atos demarcadores com a coeducação e a presença feminina no esporte, mas que desde a recepção da escola pelo povo da região mesmo com supostos conflitos pela atuação da Missão Presbiteriana na casa de ensino, em conformidade com as práticas civilizatórias americanas ditas civilizatórias .

No entanto, o poder de “inventividade” dos leigos está ancorado num “lugar” de visibilidade e de projeção nas atividades civilizatórias e didatização dos saberes com as práticas corporais instituídas a partir de um ideário liberal.

Foto 01 - Desfile de Wagner 1



Fonte: Arquivos da Autora

Na imagem anterior se vê a figura do vaqueiro<sup>1</sup>, homem de trabalho na terra, sertanejo, tradicionalmente desassistido e que foi, de certa forma, o alvo das ações da missão missionária, além de ter tido seus filhos e filhas também assistidos pelo IPN e nos dois casos, acabou sendo uma forma de ação e dos missionários, educar e conformar

---

<sup>1</sup> Figura elementar do sertão responsável pelos cuidados com o gado bovino e cantador de boiadas.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

novos homens, a partir de seu ideário religioso. Nessa condição a que estavam colocados os vaqueiros e famílias, abriu se espaço para as ações de aproximação dos religiosos, que buscavam, também, operar a formação dos sujeitos dentro de seus modelos.

Nilta Lessa que foi ex-aluna da turma de 1955, se recordou de seu pai, um “boiadeiro” que “cuidava” e comercializava gado para a sobrevivência, distinguindo-o do vaqueiro que, não era dono do gado, mas sim que transportava e tirava o leite para ser vendido. Contudo, seguindo Nilta, as duas figuras acabavam sendo explorados pelos fazendeiros na labuta do dia-a-dia.

Vale, por fim, dizer que esse processo de chegada e efetivação da presença protestante não se deu de forma leve, houve sim resistência e tensão, nomeadamente em relação a Igreja Católica, que viu nisso, de certa forma, uma afronta ao seu poder instituído, mesmo que este pudesse ser considerado ausente.

## **1.1. A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO SERTÃO BAIANO: O INSTITUTO PONTE NOVA**

A instalação do IPN assumiu destaque na microrregião, tanto pela instrução, como pelas formas de trabalho instauradas pelos americanos que se acomodaram na localidade, a partir de uma tríade: um templo religioso, um hospital e uma escola, espaços e marcas de um ideal civilizatório.

A criação de uma escola por missionários americanos, no sertão baiano, com foco em experiências educacionais liberais, onde tanto os elementos internos, quanto os externos deveriam ser compreendidos como um espaço de produção de saber próprio, seguiu padrões instituídos pelo Colégio Mackenzie, localizado na cidade de São Paulo.

Assim, desde a sua instalação no Brasil, os presbiterianos organizaram escolas de grande porte que ofertavam ensino primário, secundário e escola normal extensiva, a toda “população”, principalmente aqueles que podiam pagar mensalidade e ou alguns que tinham privilégios em receber uma bolsa.

Também criaram instituições, escolas e colégios, assim se estabeleceram gradativamente com raízes em um país tropical, em conformidade com a lógica

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

particular e específica da missão presbiteriana no Brasil, pois os objetivos pedagógicos eram “formar cidadãos civilizados, individualizados treinados nos sentidos e corpos e colocados a serviço da cidade, do estado, da pátria” (BURITI; BARROS, 2016, p.35).

Nesse contexto, os multiplicadores e protagonistas desses conhecimentos eram os professores “leigos”, que eram encarregados de divulgar métodos e as atividades aprendidas no IPN com os missionários americanos. Estes leigos passavam por um treinamento ofertado as pessoas que atuariam para a “homogeneização” de práticas e de uma cultura escolar específica das escolas americanas presbiterianas.

A instalação das escolas de origem americana, fora de seu país, passava pela mão dos missionários, que sempre estiveram nas “jogadas” para revelar e formar um novo cidadão para exercer as funções próprias de um verdadeiro cristão. Esses missionários criavam e difundiam sentidos e significados a partir dos quais os sertanejos construíram sua imagem e uma identidade nacional americanizada e republicana sobre si mesmo para mostrar ao mundo. O destaque de um modelo educacional norte-americano fez parte do ideal civilizatório propalado e aceito, não somente nos discursos dos missionários americanos, mas que foram materializados e conformados nas práticas recorrentes do período.

A implantação do instituto foi uma obra de grandes proporções, na medida em que se tinha como objetivo “cuidar” e instruir o sertanejo através da evangelização e também, promover mudanças no modo de viver na comunidade como um todo. Nesse processo formativo, os momentos comemorativos apareciam como fundamentais, por colocarem a escola, fora de seus muros e aí, se criava um espaço de diálogo maior com a comunidade, dando mais chance ao trabalho de busca de uma aproximação com os ideais presentes na formação do IPN.

As atividades festivas do IPN, dentro ou fora da escola visavam também estreitar laços com as categorias de poder, bem como a adesão de outros sujeitos aos princípios de vida estabelecidos pela missão nos ambientes dos americanos do IPN, que se valiam do fato das festas poderem produzir encantamento através de imagens, sons, cheiros e sabores capazes de seduzir e formar, num processo onde o corpo era veículo de representações e emoções vividas.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Através da efusão e do fervor vivenciados nas festas cívicas, o poder dos missionários americanos se manifestavam na apropriação do sertanejo e na construção de sentidos para o seu fazer social, incitando-os a comungar de mesmos valores morais que perpassava pelas festas em sua totalidade.

Na instauração do IPN e as suas às condições de desenvolvimento do plano educacional americano na Bahia, recursos e doações eram realizadas de forma tal, que passavam a constar na parte financeira como um crédito. Eram normais estes atos entre os protestantes americanos, como elemento para disseminar os princípios da religião além de interferir na formação dos sujeitos. Esses princípios passaram a ganhar legitimidade através dos rituais estabelecidos pelos americanos presbiterianos no ambiente educativo criado para esse fim.

O IPN, em sua constituição tentou ser uma referência para o povo local e buscou ir além das questões educacionais, também, os equipamentos e artefatos utilizados pelos missionários americanos eram tidos como “inovação”. Assim, as influências não se limitavam ao setor educativo, atuavam também na parte agrícola da Chapada, das Lavras Diamantina e suas terras auríferas potencializando disputas pelos minérios, que culminava num deslocamento populacional para esta região. Em busca de riquezas, os indivíduos contribuía para o povoamento dos distritos, fazenda, vilas e povoados próximos Instituto Ponte Nova.

Foto 2 – Flâmula do IPN 1



Fonte: Arquivos da Autora.

Nesse movimento de tentar ir além das questões educacionais, um novo público passou a ser assistido pelo Instituto Ponte Nova, aparecendo aí a figura do vaqueiro, um

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

personagem com articulação e representatividade característicos de um sertanejo ávido por melhorias e por acreditar no potencial das terras e aí, o IPN buscou aos poucos atender uma demanda de analfabetos que urgia atendimento escolar. Atendimento esse que girasse em torno da construção do processo identitário do sertanejo, do vaqueiro que transitavam nos espaços criados pelos americanos e que precisava ser civilizado. Foi neste caminho que a “domesticação do sertão” ocorreu nas Lavras Diamantinas, a partir da vinda de americanos presbiterianos e isso repercutiu nas tentativas de se ressignificar o sertão, marcando as distinções entre campo e cidade.

Pensando sobre o processo de criação de escolas normais rurais americanas, vislumbramos que essas preparavam professores “leigos” para o exame de habilitação de suficiência em escolas de primeiras letras, na década de 1940. No que se refere às práticas corporais, é possível contatar que estas estiveram associadas aos aspectos anatômicos, psicológicos e higiênicos, e a implantação de exercícios físicos na escola primária passou a ser na época denominado de Educação Física. Um fato de grande preocupação inicialmente para a Missão Central foi a preparação de uma equipe capaz de desempenhar com eficácia o seu papel de docente responsável pelo conteúdo.

A formação no IPN buscava imprimir não só conteúdos, mas também o pensamento dos protestantes, seu estilo de vida e crença religiosa, incluído aí a visão de mundo, a postura ética e os hábitos de trabalho e de poupança da sociedade norte-americana. Esse educandário de confissão de fé presbiteriana, inicialmente surgiu como uma escola pequena, paroquial e com objetivo de estudar as narrativas bíblicas para instruir, cuidar e curar a alma dos sertanejos desprovidos de fé que viviam uma vida desregulada, sem limites e nem princípios religiosos em sua maioria.

Esse educandário seguia os princípios de valorização do trabalho. Por isso foi preciso associar o projeto evangelizador ao ensino. Mesmo assim, a tarefa educacional teve um início modesto, "em classes criadas para os filhos dos primeiros convertidos, expandindo-se daí para escolas que abrangiam tanto ensino primário, como o secundário e o técnico” (BRITO, 2013, p.60), buscando uma proximidade para fazer valer a futura conversão aliada á educação e com vistas à garantia de trabalho.

Os missionários buscavam reproduzir o cotidiano norte-americano nas escolas e nas casas dos protestantes através do controle do tempo e de uma rígida disciplina que

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

se apresentava de forma materializadora de ensino confessional. Tais ideais tornaram possível uma aproximação com a realidade americana, construída entre embates e lutas ideológica para instruir o povo sertanejo pela evangelização das almas.

Partindo dessa premissa, foram instauradas mudanças no agir e pensar do povo que se encontrava nas imediações da Fazenda/escola. Assim, a missão presbiteriana executou as ações educativas sem fins lucrativos, para “alguns” no início, e se instalou definitivamente a partir de um corpo “domesticado” com o tempo.

Outro fato importante foi a forma dos missionários se apresentarem com diferencial a partir de uma pedagogia marcada por metodologia de ensino bastante diversificada em relação ao ensino católico, dominante até então. Anunciavam com orgulho o fato de que desde a arquitetura impressionante, até o ensino de inglês eram inovadores.

Tudo isso pode ser observado desde a implantação nas terras do sertão de um “projeto pensado” que levou tempo para ser concretizado, pois a função de “preparar” esse novo cidadão para viver em espaços onde o saber, a saúde e religião foram elementos que corroboraram para a execução do projeto dos americanos na Chapada Diamantina.

O IPN, além de ser uma escola profissionalizante, com os cursos de técnico em enfermagem, cursos bíblicos, técnicas agrícolas e cursos de preparação de pastores, também buscou disseminar saberes e conhecimentos para o sertanejo “inculto”, “desvalido” e “desassistido” pelo governo e poderes locais, numa tentativa de aproximação mais direta com um povo que representava uma região, numa tentativa de dominação e inculcação de valores.

Existe na comunidade protestante americana uma prática comum, que se perpetuou, a doação. Em vida ou morte de parte de sua fortuna/herança era destinada à alimentar essa cultura de missões ou ações sociais pelo mundo. Isso pode ser comprovado pelos relatos de ex-alunos e ex-professores, além das correspondências. Por muitas vezes, alunos, geralmente os mais pobres, eram beneficiados através de quitação de dívida e não sabiam quem era o benfeitor. O Instituto Ponte Nova também prezava por um tipo ideal de postura, tanto dos professores quanto dos alunos. Sua rigidez e disciplina ressoavam de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Mediante as diferentes formas, para alguns eram traços importantes para construção moral dos alunos, para outros, excessos. A suposta racionalidade presbiteriana e sua ética de educação voltada ao trabalho pode se materializar em Ponte Nova, mesmo sendo uma escola do interior. Somado a isto, o Instituto se destacou em toda a região pelo modelo instaurado e pelos resultados manifestados pelos alunos no decorrer de sua formação.

Fica claro que, além da língua materna, havia um trabalho direcionado às datas cívicas e eventos importantes do país de origem e estudo recorrente, em que os relatórios do interventor, artigos do jornal local e da própria missão faziam registros para disseminar os trabalhos executados e também promover a fé como instrumento de mudanças na vida das pessoas.

Seguindo a lógica da ética do trabalho, cabia também aos estudantes o preparo das refeições e as atividades de limpeza das instalações. O tempo era bem dividido e marcado pelos missionários, de forma que os alunos não tivessem tempo vago, mesclando aulas na escola, oficina e os descansos, uma rotina a ser internalizada e cumprida nos moldes ingleses.

Isto era a política de agregar e manter uma qualidade de ensino, na qual as línguas inglesas e francesas eram destaque para que os alunos se manifestassem com “propriedade”, tanto nas apresentações, como no decorrer das ações e rituais que marcou as representações dos sertanejos e as idiossincrasias dos missionários, frente às questões de convivência e de possíveis resistências.

Surge, assim, um educandário de instrução elementar de proposição e consolidação do ensino agrícola rural profissionalizante com turma noturna que colaborou de forma ativa para o combate ao êxodo rural para as zonas urbanas e investiu na preparação de lideranças religiosas rurais e de líderes políticos que vivenciaram sua formação num ambiente diferente de seu credo religioso.

Assim, o IPN seguiu uma proposta diferenciada contemplando três conhecimentos: agricultura, enfermagem e higiene, bem como saberes relacionados à inovação e incentivo do progresso no meio rural, além de alfabetizar o homem do campo numa perspectiva humanística e civilizatória. Sobretudo, pelo modelo pedagógico que passou a ser visto como modelo de vanguarda e pela liberdade de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

práticas e na organização de suas atividades de acordo com as especificidades e do plano da missão. Cabe destacar que a preocupação com a higiene e com a saúde também fazia parte do discurso. O ambiente escolar tem que demonstrar a ordem da missão civilizadora através das condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos. Tal preocupação com a higiene escolar reforçava valores morais relativos a padrões comportamentais ditos “civilizados”.

A construção do IPN visava uma edificação que abraçasse não apenas as salas tradicionais, mas também espaços outros, como quadras, oficinas e espaços para artes, além de instalações tipo dormitório, refeitórios, áreas livres e verdes, espaços externos para eventos e salas administrativas.

Na Escola, todas as atividades eram controladas e seguiam um cronograma com tempo estabelecido com função controladora e reguladora numa ação constante com uma jornada escolar fixada nos padrões da instituição e missão presbiteriana no modelo de fixação de cronograma americano como controle de tempo. De certa forma, o IPN, a partir de suas rotinas e métodos trazia muitas inovações no campo cultural e científico.

Uma destas inovações foi a adoção das salas mistas, como formato de ensino, que se viu envolta numa série de conflitos, principalmente de ordem religiosa. Para tal, a escola se orientava pelas práticas pedagógicas norte-americanas e a difusão de um modelo educacional creditado ao ideal de uma sociedade civilizada por incorporar hábitos cotidianos relacionados à postura e higiene que seriam modelos para serem seguidos. E para tanto, na visão da ex-aluna e pesquisadora Márcia Gonçalves, o IPN transformou-se em um “centro de referência em educação, tanto na disciplina quanto na oferta e na qualidade do ensino onde a escola deveria ser um “instituto de educação intellectual, moral e physica” (MORAES, 2008, p. 60).

O IPN viveu a partir dos anos de 1950 um período de destaque, pois foi o ano em que o Instituto se tornou mais procurado em virtude do padrão da educação oferecida e pelo conceituado corpo docente, ao lado das atividades variadas que eram oferecidas. Mesmo estando localizado numa região a margem dos grandes centros, o IPN pode viver as alternâncias específicas das formas de poder no interior, ou melhor, do sertão, uma cena social tradicionalmente deixada de lado pelas formas de poder usual e que, portanto, vivia a constituição de suas forças políticas e econômicas de forma

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

muito particular. Assim, o IPN, em sua fundação e existência viveu paralelo a história política sertaneja, junto aos poderosos da região.

## **REFERÊNCIAS**

**1º CONGRESSO REGIONAL DE ESCOLAS NORMAIS RURAIS E DE PROFESSORES PRIMÁRIOS RURAIS.** Cerro Largo/RGS: s.ed., 18,19 e 20 de dezembro 1962.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Anais do oitavo Congresso Brasileiro de Educação. Goiânia, junho de 1942.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1944.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Por uma história cultural dos saberes pedagógicos”. In: SOUZA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Bárbara. (Org.). Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras Editora, 1998, p. 31-40. CÉSAR, Elben M. L. História da evangelização do Brasil. Dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas -Bôas Carvalho do. “A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX”. In: ANAIS ELETRÔNICOS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2002a. Natal. CD Rom.